

Duas reportagens do Portal Uol e a visão unilateral sobre os Black Blocs ¹

Talyson Ferreira de Oliveira SILVA²

Indiara FERREIRA³

Universidade de Uberaba (Uniube), Uberaba, MG

RESUMO

Esse artigo é um recorte de um projeto mais amplo e traz uma reflexão acerca da cobertura do Portal UOL, realizada nas reportagens “Mascarados protestam-no rio antes de votação sobre proibição a Black Blocs” e “Black Blocs tomam e vandalizam pelo menos cinco ônibus no Rio”, publicadas entre setembro e outubro de 2013. Foram observados o número de linhas das reportagens, os parágrafos, a origem do material, as fotografias de abertura e das galerias, as técnicas de construção do texto e as fontes como ferramentas para analisar as posições do Portal sob a ótica da Teoria Instrumentalista, conforme Traquina (2005) e Pena (2007). Vale a pena refletir sobre as posturas que evidenciam a negação do outro como sujeito moral.

PALAVRAS CHAVE: Black Bloc; Portal UOL; Violência Simbólica; Habitus; Anarquismo

INTRODUÇÃO

Esse artigo é um recorte do projeto de pesquisa PIBIC/FAPEMIG: Black Bloc: os sinais da violência simbólica na cobertura jornalística do Portal UOL. O projeto integra o Núcleo de Pesquisa em Novas Teorias da Comunicação (Nupentec), da Universidade de Uberaba (Uniube), em Minas Gerais, na linha de pesquisa Biocomunicação. Nesta abordagem, elementos de duas reportagens selecionadas aleatoriamente no Portal Universo Online (UOL) serão analisados: “Mascarados protestam-no rio antes de votação sobre proibição a Black Blocs” e “Black Blocs tomam e vandalizam pelo menos cinco ônibus no Rio”, publicadas entre setembro e outubro de 2013. A cobertura enfatiza as ações dos Black Blocs.

Fundamentados nas pesquisas bibliográfica e documental (Gil, 1992), foram observados o número de linhas das reportagens, os parágrafos, a origem do material, as fotografias de abertura e das galerias, as técnicas de construção do texto e as fontes, com a perspectiva de perceber sinais de violências, no que tange a negação do outro como sujeito

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo (GP Teorias do Jornalismo) do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

² Estudante do 7º período de Jornalismo da Uniube, bolsista PIBIC/FAPEMIG, integrante Nupentec/Uniube – Biocomunicação. E-mail: talysonfo12@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Uniube. Mestre em Educação (Uniube), especialista em Arte e Criatividade, também em Tecnologias Midiáticas (Unifran). Pesquisadora Fapemig. Integrante do Nupentec/Uniube – Biocomunicação. E-mail: indiara.ferreira@uniube.br

moral. Este estudo pretende ainda evidenciar como o alinhamento editorial pode impactar no modo com que a informação chega até ao leitor.

Para construção da análise, são considerados os conceitos de Hipertexto e Hipermídia, apresentados Pollyana Ferrari (2007 e 2008), *Habitus* e Violência Simbólica, propostos por Pierre Bourdieu (1982 e 1989), sob a ótica da teoria Instrumentalista do Jornalismo, de Nelson Traquina (2005) e Felipe Pena (2007).

Tal análise faz-se importante em razão da influência que os veículos exercem em seus públicos e seus impactos na comunidade, em especial, na plataforma online que, na atualidade, tem, cada vez mais, atraído e fidelizado leitores.

2 – JORNALISMO ON-LINE, ALTERNATIVAS NARRATIVAS E USUABILIDADE

Segundo pesquisa⁴ divulgada no dia 13/09/2016 pelo Ministério de Ciências e Tecnologia do Governo Federal, no Brasil, a quantidade de domicílios que possuem acesso à internet no Brasil chegou a 51% em 2015, representando 102 milhões de internautas conectados. O número de usuários é 5% maior do que em 2014. Em um ambiente que cresce a cada dia e se torna o principal fonte de acesso à informação, o jornalismo on-line tende a possuir a necessidade de se reinventar, se tornando cada vez mais interativo e atendendo às necessidades dos internautas.

Em meio a uma comunicação instantânea, surge o hipertexto, que tem a missão de ser uma linguagem híbrida, mantendo os conceitos oralidade e escrita. O hipertexto evidencia quem são os emissores e receptores. A partir dele, existem múltiplas possibilidades de construção da informação, que podem facilmente fragilizar a comunicação escrita. O ambiente é favorável ao produtor da notícia, que pode agregar outros tipos de mídias, na construção da informação.

O hipertexto diante da comunicação escrita também denuncia a separação entre emissor e receptor, pois a impossibilidade de interação no contexto de construção de texto torna-se frágil à comunicação escrita. O hipertexto é um conjunto de nós de significações interligadas por conexões entre palavras, páginas, fotografias, imagens, gráficos, sequências sonoras etc. Dessa forma, as narrativas digitais superam as limitações da tradição da oralidade e da escrita, pois não buscam sentido em isolar ou fragmentar o sentido do texto ou do discurso, mas, ao contrário, em ampliar a rede de significações. (FERRARI, 2007, p. 74).

⁴ BRASIL, Portal. Pesquisa revela que mais de 100 milhões de brasileiros acessam a internet. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/ciencia-e-tecnologia/2016/09/pesquisa-revela-que-mais-de-100-milhoes-de-brasileiros-acessam-a-internet>

As formas de criação de conteúdo na web se dividem entre lineares e, na maioria das vezes, não-lineares (no caso do hipertexto, na maioria das vezes utilizado). Neste universo surge o conceito de hipermídia. Em uma estrutura de hipertexto é possível trabalhar com uma mídia individual, mídias múltiplas, que incluem mais de um tipo de mídia dentro de uma mesma página, apresentando a intenção de serem complementares. Também é possível explorar conteúdos com narrativas multimídias, que se alinham numa apresentação estruturada, com vários tipos de mídias. É necessário passar por uma mídia para entender a outra. Uma convergência que permite ao usuário a interatividade e a possibilidade de imprimir sua marca na internet, tida como a ferramenta mais acessível, com o poder de unir tudo em um só lugar.

Na narrativa para a web podemos utilizar três níveis de pirâmide para a escrita (Franco, 2009). O nível básico, onde a informação após o lide é composta de acordo com seu nível de importância. O segundo nível, onde os textos são divididos por temáticas, dentro das páginas, com presença dos intertítulos. E o terceiro nível da pirâmide, onde o leitor faz sua própria pirâmide. Os textos começam dispostos em uma página e ligados a essa mesma página, conteúdos relacionados estão expostos em outras páginas com links direcionais.

As narrativas do jornalismo on-line proporcionam cada vez uma melhor usabilidade e maior disposição da informação, atraindo cada vez mais pessoas. Com seu poder de abrangência, em um ambiente onde todo mundo é difusor de informação, uma comunicação clara torna-se importante. O ruído na produção pode provocar impactos no contexto e levar o leitor a interpretações distorcidas. Deste modo, faz-se importante atentar-se aos resultados em evidência nos portais brasileiros, como forma de ampliar o debate.

3 – O PORTAL UOL E OS BLACK BLOCS

O Portal Universo Online (UOL), é um dos mais antigos portais de notícias do Brasil. Criado em 1996, inicialmente, reproduzia notícias da *Folha de São Paulo*, mas foi ganhando novas funcionalidades, como salas de bate papo e opções de entretenimento, como a Rádio UOL e jogos. O jornalismo também passou a ser um ponto forte do Portal, com redações próprias e notícias reproduzidas de outros portais do Brasil e do mundo. Atualmente, o UOL é considerado o segundo portal de notícias mais acessado do país.⁵

⁵ PIVOT, Estúdio. Quais são os 100 sites mais acessados no Brasil? Disponível em: <http://estudiopivot.com.br/100-sites-mais-acessados-no-brasil/>

Para ser chamado de Portal um site precisa reunir certas características. [...] Os portais precisam atrair e manter a atenção do internauta ao apresentar na página inicial, chamadas para conteúdos díspares de várias áreas e origens. A solução ajuda a formar “comunidades de leitores digitais”, reunidas em torno de um determinado tema e interessadas no detalhamento da categoria de conteúdo em questão e seus respectivos hiperlinks, que surgem em novas janelas de *browser*. O conteúdo jornalístico tem sido o principal chamariz dos portais. Pela possibilidade de reunir milhões de pessoas conectadas ao mesmo tempo, os sites do gênero assumiram o comportamento de mídia de massa. (FERRARI, 2008, p.30).

Sempre atento aos temas emergentes que consolidam sua popularidade, em 2013, o Portal engajou-se na cobertura das manifestações conhecidas como “20 centavos”, no Brasil. Manifestações relacionadas ao universo dos Black Blocs, movimento autonomista que surgiu nos anos 80, na Alemanha, contra a construção de usinas nucleares. Suas ações são caracterizadas pelas vestes pretas e rostos escondidos. Dupuis-Déri (2014) alerta que a forma como se caracterizam se tornou um estigma, ou seja, qualquer manifestante que comete algum ato de destruição ou depredação, é Black Bloc, aos olhos da mídia. Vários pontos podem ser apontados como explicações, inclusive a rotina intensa de produção de notícias que não permite a reflexão, mas sim a reprodução, conforme propõe Bourdieu (1982) e Solano (2014).

Durante um ano de protestos o conceito Black Bloc virou um fetiche, uma palavra corroída, consumida até a saciedade. Numa sociedade onde as pessoas devoram tudo rapidez, não podia ser de outra forma. Tudo se transforma em mercadoria jornalística, em mercadoria política, a carne vira produto de troca. Poucos têm se detido a enxergar as pessoas por trás das máscaras, das fardas, das câmeras. Adepto da tática Black Bloc, policial militar, jornalista, todos parecem bonecos de plástico na frente do grande espetáculo, que engole, que mastiga tudo, que esquece olhar com empatia e que degrada as pessoas em fantoches. (SOLANO, 2014, p. 10)

“As novas figuras” passaram a ser vistas pela mídia como anarquistas. Segundo Costa (1980), o termo anarquismo sempre foi sinônimo de caos e desordem. Para ele, uma angulação equivocada. “Anarquia etimologicamente quer dizer sem governo, sem autoridade, sem superiores. Somente”. (COSTA, 1980, p. 12). Nesta ótica, vale considerar as ações e forma de conquistar objetivos. “Cada comunidade, cada indivíduo, para os anarquistas, deve determinar sua vida. As minorias têm todo o direito de discordar e ser livre, fazer diferentemente, o homem precisa ser livre. Ingenuidade? Talvez.” (COSTA, 1980, p. 20). Solano (2014) tem uma posição semelhante, mas vai além:

Embora tenham sido transformados pela imprensa em uma espécie de Al - Qaeda, os manifestantes que fazem uso da tática Black Bloc estão inseridos em uma longa tradição de reflexão sobre a forma mais adequada e eficaz de se produzir mudança social por meio do protesto de rua. (SOLANO, 2014, p. 281).

Percebe-se o distanciamento entre repórteres apressados e protegidos por telas de computadores e as ações que envolvem as características de seus personagens que evidenciam ansiedades, desejos e lutas.

4. TEORIA DA AÇÃO POLÍTICA

No contexto de produção apresentado acima, vale refletir sobre a Teoria da Ação Política ou Teoria Instrumentalista. A partir dela, as notícias são pautadas conforme determinados interesses políticos. Sua construção traz distorções, anguladas em duas vertentes. “Na versão de “esquerda” as notícias são vistas como instrumentos para manter o *status quo* capitalista. Na versão da “direita”, elas são usadas para questionar o mesmo sistema” (PENA, 2007, p.146).

Na versão esquerda, o jornalista é induzido pelos interesses capitalistas. “A objetividade, ou que se aceita como seu oposto, a parcialidade, são conceitos que a maioria dos cidadãos associa ao papel do jornalismo e que são consagrados nas leis que estabelecem as balizas do comportamento” (TRAQUINA, 2005, p. 162).

Assim a versão de esquerda da *teoria da ação política* ignora: 1) que os donos se encontrem raramente com os diretores em muitas empresas jornalísticas; 2) que a maioria dos jornalistas não faz ideia de quem se senta no conselho de administração das instituições para que trabalha; e 3) que os jornalistas têm um grau de autonomia e afirmam frequentemente a sua própria iniciativa na definição do que é notícia, nomeadamente nos trabalhos que incomodam a elite e põem em causa os interesses do poder instituído e do poder econômico. (TRAQUINA, 2005, p. 169)

Já na visão de direita, segundo Pena (2007), as rotinas produtivas sofrem distorções com objetivos inversos. Ele defende que os jornalistas manipulam as notícias com o objetivo de se vincular ideias anticapitalistas.

Ambas as versões também trabalham com pressupostos bem marcados. Entretanto, quando uma defende que o papel dos profissionais da imprensa está reduzido à função de cumpridor de ordens patronais, a outra acredita que os jornalistas têm controle pessoal sobre a produção da notícia e estão dispostos a influenciar o noticiário com a defesa das suas ideias. Visões diferentes, mas com limitações muito parecidas. (PENA, 2007, p. 149).

Neste contexto, vale considerar cada jornalista envolvido no processo de produção, sua bagagem familiar, escolar e cultural, ou seja, considerar o modo com que tais conceitos entranhados em sua vida o fazem também defender um ou outro ponto de vista, ainda que sutilmente. Tais violências, ainda que sutis podem negar o outro e trazer consequências silenciosas e perigosas.

5. REPRODUÇÃO DE HABITUS E VIOÊNCIA SIMBÓLICA

O conceito de violência simbólica, conforme Bourdieu (1982), constitui-se pela ruptura de qualquer paradigmas que vá contra as representações espontâneas expressadas pelos indivíduos. Violência, porque são estabelecidos socialmente conceitos a serem seguidos. Simbólica, pois esse tipo de violência configura-se camuflado em meio às ações, dentro de um sistema social. Há quem dita ordens e quem é legitimado acatando as mesmas.

É quando instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço de sua própria força às relações de força que fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados. (BOURDIEU, 1982, pag. 11).

As ações de violência simbólica começam desde o primeiro contato do ser humano com as relações sociais. Uma regra a ser seguida por uma criança é imposta inicialmente pelos pais, depois pela escola, por uma linha de pensamento conduzida pela sociedade, determinando padrões. Na cultura dominante, quem não segue as convenções é minoria, excluído. O condicionamento direcionado pelos sistemas educacionais despreza a possibilidade de um pensamento crítico a abertura para novos ângulos de encarar uma situação.

Os conceitos impostos durante o trabalho pedagógico ficarão interiorizados. O pensamento condicionado a apenas uma forma de se pensar aprisiona e surge a constante reprodução dos padrões estabelecidos. Vale ressaltar os *habitus* individuais, conforme a formação e a cultura.

Considerando-se (1) que a explicitação e a formalização dos princípios que operam numa prática, isto é, domínio simbólico dessa prática, seguem-se necessariamente, na ordem lógica e cronológica, ao domínio prático desses princípios, isto é, que o domínio simbólico não é jamais em si mesmo seu próprio fundamento; considerando que (2) o domínio simbólico é irreduzível ao domínio prático do qual ele procede e ao qual ele acrescenta portanto seu efeito próprio, segue-se (1) que todo TP secundário produz práticas irreduzíveis às práticas primárias das quais ele procura o domínio simbólico e (2) que o domínio secundário que ele produz pressupõe um domínio prévio tanto mais próximo do simples domínio das práticas quando ele se exerce mais cedo na ordem biográfica. (BOURDIEU, 1982, p.56 - 57)

Neste prisma, entende-se quando um repórter sequer necessita da angulação do editor ou do proprietário do veículo em que trabalho para determinar cada pauta, cada personagem, cada ângulo fotográfico para se desconectar do interesse coletivo, propondo reflexões problematizadoras superando inclusive estereótipos sociais e valorizando a diversidade.

6. O OLHAR DO PORTAL UOL SOBRE OS MASCARADOS

Duas reportagens veiculadas entre setembro e outubro de 2013 pelo Portal Uol serão analisadas, com a perspectiva de ampliar a discussão acerca dos critérios de escolha adotados pelo veículo no processo de produção e de que modo as mesmas interferem no processo informativo e de formação da opinião.

A primeira reportagem analisada, intitulada “Mascarados protestam no Rio antes da votação sobre proibição de Black Blocs”, foi publicada pelo Portal Uol Rio, em 03 de novembro de 2013, às 14h43.

Foto 1 – Título da reportagem

Mascarados protestam no Rio antes de votação sobre proibição a "black blocs"

Do UOL, no Rio 03/09/2013 | 14h25

Fonte: Portal Uol

A reportagem possui 50 linhas, divididas em 13 parágrafos. O texto é escrito no segundo nível da pirâmide, conforme Franco (2009), ou seja, conta com intertítulos.

Foto 2 – Abertura com foto e legenda



Fonte: Portal Uol

A primeira foto da reportagem destaca um grupo de pessoas em um protesto na cidade do Rio do Janeiro, contra um projeto de lei que proíbe o uso de máscaras nas manifestações. A foto é destacada como a de número 27 entre 70 fotos que integram o slide show. As

imagens são da agência de notícias Futura Press. Há imagens que não apresentam relação com o tema da reportagem e nem com as manifestações no Brasil. Outras fotos como a de número 31, por exemplo, destaca: “Homem faz exercícios físicos em bosque na manhã desta terça-feira (3) na periferia de Srinagar, na Caxemira”.

Ferrari (2008) destaca que os hipertextos são de fundamental importância para a construção da informação não linear na web. “Na internet não comportamos como se estivéssemos lendo um livro com começo, meio e fim. Saltamos de um lugar para o outro – seja mesma página, em páginas diferentes, línguas distintas, países distantes, etc.” (FERRARI, 2008, p. 42).

Foto 3: Fontes diretas e indiretas mais hiperlinks de contexto

A proposta dos parlamentares peemedebistas, correligionários do governador do Rio, Sérgio Cabral, tem o objetivo de neutralizar a ação dos manifestantes que utilizam a tática anarquista conhecida como "black bloc".

Para o governo, tais grupos são responsáveis pelos atos de vandalismo que ocorreram durante a onda de protestos que se espalhou pela capital fluminense.

Às 18h30, os manifestantes prometem fazer um "baile de máscaras" na praça da Cinelândia, no centro do Rio, onde está situada a Câmara de Vereadores. O ato, cuja página no Facebook tem mais de 700 pessoas confirmadas, surgiu originalmente em apoio aos movimentos populares do Recife, onde o uso de máscaras em protestos foi proibido pelo governo do Estado na semana passada.

ENTENDA O BLACK BLOC

Filosofia 'black bloc' prega desobediência

Entenda o que é o ativismo 'Black Bloc' presente nas manifestações

Vândalos estão sendo monitorados e investigados, diz Polícia Civil do Rio

Movimentação do grupo 'black bloc' surpreendeu sindicatos e policiais

Fonte: Portal Uol

A reportagem generaliza ao afirmar o cunho anarquista dos Black Blocs, através da estigmatização já criada sobre as pessoas que utilizam máscaras nas manifestações. Como citado no título da reportagem, a votação é contra o uso de máscaras em manifestações. Mas vale ressaltar que qualquer pessoa infiltrada a um grupo de manifestantes poderia usar a máscara, sem qualquer pretensão de seguir a linha anarquista ou de promover atos de vandalismo. O programa Sem Fronteiras da rede de televisão Globo News, ilustrou com clareza a situação.

Entre os diversos movimentos que participam dos protestos muitos são anarquistas, e entre os anarquistas, os Black Bloc têm chamado a atenção. Eles são novidade no Brasil, mas não no mundo. Muitos anarquistas concordam com a tática Black Bloc. Mas o anarquismo não se restringe ao Black Bloc. E nem todo manifestante Black Bloc é anarquista. (FRONTEIRAS, Sem. Globo News, 25/07/2013).

Outra generalização diz respeito, segundo a reportagem, à colocação do governo atribuindo responsabilidade aos Black Blocs sobre toda e qualquer ação de violência durante os protestos.

O conteúdo da matéria é todo justificado sob as informações e ações de fontes oficiais, como: Governo do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, Justiça do Rio de Janeiro, Comissão Especial de Investigação de Atos de Vandalismo em Manifestações Públicas (CEIV), Polícia Militar. Em todos os momentos, as referências aos órgãos buscam evidenciar um ato negativo sobre alguma ação “dos mascarados”.

Erbolato (1991) classifica dentro da composição da informação dois tipos de fontes: fixas e fora de rotina. “Fixas são aquelas às que se recorre para o noticiário de todos os dias, embora nem sempre forneçam assuntos de muito interesse; [...] Polícia, Corpo de Bombeiros, Prefeitura, Câmara Municipal, Congresso Nacional [...]” (ERBOLATO, 1991, p.183). Na reportagem, nota-se apenas a presença de fontes oficiais na construção da informação.

Uma consulta à página do Facebook do grupo foi utilizada e a referência a um grupo do Recife utilizada na matéria com o intuito de enfatizar o uso de máscaras em manifestações e sugerir que o ato é negativo.

Os hiperlinks presentes ao lado do texto trazem assuntos relacionados com o contexto da reportagem. Mas as manchetes induzem e reforçam a imagem negativa sobre os Black Blocs. Uma delas afirma que a filosofia Black Bloc prega a “desobediência”, já outra apresenta o grupo como “vândalos”.

Foto 4 – Ação dos Black Blocs em protesto

Discussão

Por volta das 10h20 de hoje, manifestantes discutiram com seguranças da Assembleia Legislativa do Rio que queriam retirar máscaras colocadas em estátuas na entrada do prédio.

Os jovens argumentaram que a ordem não constava no regimento e que o ato não configura depredação do patrimônio. Mesmo assim, os seguranças retiraram as máscaras e, em protesto, os manifestantes cantaram e dançaram marchinhas de carnaval na frente dos seguranças, que ficaram visivelmente irritados.

O argumento do grupo é que, além de considerar a proibição ilegítima, o texto do projeto de lei não especifica em que tipo de manifestação popular está vedado o uso de máscaras. Essa brecha, dizem os manifestantes, em tom de ironia, poderá permitir ao governo proibir máscaras no Carnaval.

Fonte: Portal Uol

Em outro trecho, a reportagem traz um recorte de uma situação ocorrida durante um protesto. Segundo o texto, tratou-se de uma ação de afronta dos manifestantes às autoridades presentes. O argumento dos manifestantes é exposto, mas apenas relativo às ações do momento. Uma alusão ao uso de máscaras no carnaval também é feita, em relação à votação e à proibição.

Observa-se que, em nenhum momento, algum manifestante ou integrante de quaisquer grupos Black Bloc se defendem ou explicam suas ações de maneira direta dentro da construção do texto. Em outro momento da reportagem, há até uma citação direta do Governador do Rio, Sérgio Cabral. Percebe-se que apenas a autoridade teve voz, o que comprova a vertente de esquerda da Teoria Instrumentalista, segundo Pena (2007).

Foto 5 – Último intertítulo

Mascarado pode ser levado à delegacia

A Justiça do Rio de Janeiro autorizou, a partir desta terça-feira (3), a identificação criminal de pessoas que estejam usando máscaras durante manifestações públicas no Rio de Janeiro. Com isso, se necessário, o indivíduo será obrigado a acompanhar a autoridade policial à delegacia.

O mascarado for abordado pela Polícia Militar terá que apresentar documento com foto, assim como já ocorre nas manifestações, antes de uma eventual identificação criminal. Uma vez conduzido ao distrito policial, ele será fotografado e terá que fornecer digitais.

Fonte: Portal Uol

Mais uma vez o estigma sobre os manifestantes que possam vir a usar máscaras nas manifestações é percebido. No conceito de *habitus*, Bourdieu (1982) define a interferência do capital cultural, ou seja, aqueles que não se adequam aos padrões estabelecidos são submetidos a duas situações distintas: a eliminação ou a seleção, norteadas pelo papel que cada um representa dentro do sistema.

Foto 6 – Título da segunda reportagem

Black Blocs tomam e vandalizam pelo menos cinco ônibus no Rio

Giulianer Carpes e Hanrrikson de Andrade
Do UOL, no Rio de Janeiro 07/10/2013 | 21h27 > Atualizada 08/10/2013 | 06h56

Fonte: Portal Uol

A segunda reportagem analisada, intitulada “Black Blocs tomam e vandalizam pelo menos cinco ônibus no Rio de Janeiro”, publicada pelo Portal Uol Rio de Janeiro, no dia 07 de outubro de 2013, tem como autores Giuliander Carpes e Hanrrikson de Andrade.

A matéria é composta por 52 linhas, divididas em 11 parágrafos. A reportagem foi publicada na editoria “UOL Educação”, em referência à situação dos ônibus incendiados que ocorreram durante um protesto de professores.

Foto 7 - Abertura com foto e legenda



Fonte: Portal Uol

A foto, assim como na primeira reportagem, está apresentada em formato de slide show. É a imagem 241 entre 312. A foto tem autoria de Bruno Pooppe e pertence à agência Frame e ao Estadão Conteúdo. Mais uma vez, o Portal Uol mostra a necessidade de parceiros para compor seu conteúdo.

Ferrari (2007) destaca para esta tendência a recorrência a agências nas produções de notícias para a web, que é cada vez mais constante. “‘A construção da notícia em tempo real’, título do capítulo de Adriana Garcia Martinez, mostra como o surgimento da internet fez com que o modo de publicação ‘atacadista’ das agências de notícias fosse parar no ‘varejo’, ou seja, nos portais.” (FERRARI, 2007, p.8).

Foto 8 – Abertura e contradição em relação a incêndios em ônibus

Pelo menos cinco ônibus foram sequestrados e vandalizados por grupos de manifestantes mascarados, identificados como Black Blocs, na noite desta segunda-feira (7) no centro do Rio de Janeiro.

Não havia passageiros nos veículos no momento da ação.

A reportagem do **UOL** acompanhou dois veículos sendo conduzidos até a avenida Rio Branco, na altura do MAM (Museu de Arte Moderna) do Rio de Janeiro. Neste ponto, os motoristas mascarados deixaram os dois ônibus que começaram a ser quebrados por outros manifestantes. Eles foram estacionados em região próxima ao local onde outro ônibus foi incendiado.

Fonte: Portal Uol

O lide da reportagem traz: “cinco ônibus foram sequestrados e vandalizados por grupos de manifestantes mascarados, identificados como Black Blocs” (UOL, Portal, 07/10/2013). Segundo Erbolato (1991), o lead: “Surgiu, por isso, o estilo da pirâmide invertida. Os fatos principais são expostos no primeiro parágrafo – o lead –, oferecendo um resumo.” (ERBOLATO, 1991, p. 67). Ao afirmar que os Black Blocs foram os responsáveis pelos ônibus incendiados e vandalizados tem-se uma generalização. A mesma reportagem se contradiz-se no terceiro parágrafo, quando diz que outros manifestantes foram os responsáveis pela quebraadeira em dois outros ônibus: “Neste ponto, os motoristas mascarados deixaram os ônibus que começaram a ser quebrados por outros manifestantes” (UOL, Portal, 07/10/2013).

Um problema para o leitor que perde-se, afinal se outras pessoas também estavam presentes nos atos, porque apenas a figura dos Black Blocs foi evidenciada como responsável pelos atos no início da matéria?

Júnior (2006) pondera que os procedimentos de construção das notícias muitas vezes são pautados por prazos-limite, conforme a periodicidade do veículo. Muitos jornalistas, assim, reduzem esforços durante as produções. Outro aspecto observado é a incorporação da linha editorial do veículo pelo profissional, de maneira natural, por identificação e não só por imposição.

Figura 9 – Fonte não oficial dá depoimento negativo sobre “mascarados”

Fogo na Rio Branco

Um veículo foi tomado por mascarados e incendiado na avenida Rio Branco. Por volta das 21h20, bombeiros tentavam controlar o fogo do veículo em chamas. O motorista Herique Santos Souza, que trabalha há dois anos e meio na empresa, contou que os mascarados que sequestraram o veículo pretendiam jogá-lo sobre a entrada de um prédio comercial. "O mascarado falou para mim que meu ônibus ia virar estatística", contou Souza.

No bairro da Lapa, na região central da cidade, a reportagem se deparou com mais dois veículos que haviam sido levado até lá por manifestantes mascarados. Ambos estavam com os vidros quebrados. Um deles foi avistado na rua Maranguape, perto da igreja da Lapa e o outro na lateral do Passeio.

Um pouco antes, a reportagem do UOL presenciou um intenso confronto entre manifestantes e policiais -- cinco guarnições do choque entraram em ação com dezenas de bombas de efeitos moral e muitos tiros de bala de borracha para dispersar o grupo.

ENTENDA O BLACK BLOC

Filosofia 'black bloc' prega desobediência

Entenda o que é o ativismo 'Black Bloc' presente nas manifestações

Vândalos estão sendo monitorados e investigados, diz Polícia Civil do Rio

Movimentação do grupo 'black bloc' surpreendeu sindicatos e policiais

Fonte: Portal Uol

No trecho anterior, há citação direta de uma fonte não oficial, mas que testemunhou uma ação “dos mascarados”. O motorista da empresa de ônibus relata uma situação ocorrida. Percebe-se mais uma vez a falta de imparcialidade. A fonte não é oficial, mas de toda forma contribui para atribuir aos Black Blocs uma imagem negativa. Em nenhum momento, mais uma vez, houve a oportunidade de algum manifestante se expressar.

No texto, a versão de esquerda sobre a Teoria Instrumentalista é reforçada. Na versão esquerda, o jornalista tem papel de pouca relevância. “A objetividade, ou que se aceita como seu oposto, a parcialidade, são conceitos que a maioria dos cidadãos associa ao papel do jornalismo e que são consagrados nas leis que estabelecem as balizas do comportamento” (Traquina, 2005, p. 162).

Os atos de vandalismo também são reforçados no parágrafo seguinte. Ao lado, os hiperlinks, como na reportagem anterior, aparecem como elementos de contexto reforçando uma imagem inferior sobre os Black Blocs.

Foto 10 - Último intertítulo e mudança no foco do assunto

Contra violência

O protesto foi combinado pelas redes sociais e os organizadores pretendem juntar um milhão de pessoas contra "a intransigência e a truculência dos governos do Estado e do município em relação à proposta feita pelos educadores sobre melhorias na educação".

A ideia é recuperar o fôlego dos movimentos de junho, quando ocorriam protestos toda segunda e quinta-feira no centro da cidade.

Na semana passada, os vereadores do Rio votaram em caráter de urgência um plano de cargos e salários enviado pelo prefeito Eduardo Paes. A votação ocorreu em portas fechadas e causou grande revolta entre os docentes, que não concordam com a proposta. Do lado de fora da Câmara, houve confronto com a polícia, que armou um bloqueio no entorno da casa legislativa e reprimiu os manifestantes com violência.

Fonte: Portal Uol

O último intertítulo da reportagem contextualiza os motivos que levaram manifestantes às ruas e que, posteriormente, teriam provocado os atos contra os ônibus. Só aí o leitor é capaz de entender o motivo de a reportagem estar na editoria “Uol Educação”. Era um protesto de professores exigindo melhorias no desenvolvimento de seu trabalho. A reportagem esgotou todos os assuntos em nível de importância, para depois contextualizar outros, seguindo as técnicas da pirâmide invertida (Erbolato, 1991). Foi escrita no segundo nível da pirâmide, (Franco, 2009) apresentando intertítulos. A abordagem das ações “Black Blockeres” no início da reportagem evidencia o interesse do Portal, de reforçar a imagem do grupo e de criar uma coo-relação maior com os acontecimentos do dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise das duas reportagens, percebe-se por parte do Portal Universo Online (UOL), a falta de imparcialidade com os Black Blocs na cobertura das manifestações de 2013. Apenas fontes oficiais foram ouvidas. Em uma das reportagens, uma fonte não-fixa, segundo Erbolato (1991), foi ouvida, mas ampliou a projeção negativa em torno da figura dos Black Blocs.

Em nenhum momento foi o Black Bloc se manifesta de forma ampla e esclarecedora, de modo que o leitor consiga construir suas opiniões de forma qualificada.

As visões foram generalistas. Verificou-se que ações de vandalismo e desordem foram atribuídas ao grupo, mesmo quando cometidas por outros manifestantes. Percebeu-se a dominância da vertente de esquerda da Teoria Instrumentalista na construção da notícia, em que a imprensa mostra-se subordinada aos interesses políticos e econômicos.

Vale a reflexão, em especial no ambiente online, em que a os hiperlinks e alta conexão permitem que a informação e sua interpretação se reverberam rapidamente. Negar o outro como sujeito moral, independentemente da trajetória pessoal de cada repórter e do alinhamento do veículo, é espetacularizar e fugir dos compromissos éticos com o leitor.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil. 4ª edição. 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A reprodução: Elementos para uma teoria de ensino**. Tradução Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro; Francisco Alves. 2ª edição. 1982.

CARPES. Giuliander; ANDRADE, Hanrrikson de. **Black Blocs tomam e vandalizam pelo menos cinco ônibus no Rio**. Portal Universo Online – UOL. Rio de Janeiro, 07 out. 2013. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/10/07/black-blocs-tomam-e-vandalizam-pelo-menos-cinco-onibus-no-rio.htm>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

COSTA, Caio Túlio. **O que é Anarquismo**. São Paulo, Brasiliense, 9ª Edição, 1985.

DUPUIS-DÉRI, Francis. **Black Blocks**. Tradução de Guilherme Miranda. 1ª Edição, São Paulo: Veneta, 2014.

ERBOLATO, Mario. **Técnicas de Codificação em Jornalismo: Redação, Captação e edição no jornal diário**. São Paulo, Ática, 5ª Edição, 1995.

FERRARI, Pollyana. **Hipertexto Hipermídia: as novas ferramentas para a comunicação digital**. São Paulo, Contexto, 1ª Edição, 2007.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. São Paulo, Contexto, 3ª Edição, 2008.

FRANCO, Guillermo. **Como escrever para a web: elementos para a discussão e construção de manuais de redação online**. Texas: Knight Center for Journalism in the Americas. 2009. Disponível em: <http://knightcenter.utexas.edu/pt-br/ebook/como-escrever-para-web-pt-br> > Acesso em 16 de agosto de 2016.

FRONTEIRAS, Sem. **Anarquismo, Black Blocs e manifestações violentas no mundo**. 25/07/2013. Disponível em: < <https://vimeo.com/81248903>.> Acesso em: 21 dez. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. São Paulo: Ed. Atlas, 1991.

JUNIOR, Luiz Costa Pereira. **Guia para Edição Jornalística**. Petrópolis, Vozes, 1ª Edição, 2006.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo, Contexto, 2ª Edição, 2008.

SOLANO, Esther. **Mascarados: A verdadeira história dos adeptos da tática Black Blocs**. São Paulo, Geração Editorial, 1ª Edição, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005.

UOL. **Mascarados protestam no Rio antes de votação sobre proibição a "black blocs"**. Portal Universo Online – UOL. Rio de Janeiro, 03 set. 2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/09/03/mascarados-protestam-no-rio-antes-de-votacao-sobre-proibicao-a-black-blocs.htm>>. Acesso em: 26 nov. 2016.